

# EVA KORDELIA LIEBLICH FERNANDES<sup>1</sup>

(Stuttgart, Alemanha, 1925)



Eva Kordelia Lieblich Fernandes durante a entrevista concedida à equipe Arqshoah. S. Paulo, 30 de novembro de 2011.

Fotografia de Lilian Souza.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

---

1 Entrevista concedida por Eva Kordelia Lieblich Fernandes a Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, 30 de novembro de 2011. Texto complementado com as pesquisas de Carol Colffield, ex-pesquisadora Arqshoah e ex-bolsista do projeto *Vozes do Holocausto*. Gravação: Lilian Souza. Transcrição: Rachel Mizrahi e Tucci Carneiro. Pesquisas complementares: Blima Lorber, Carol Colffield e Tucci Carneiro. A história de vida de Karl Lieblich, pai de Eva, consta do volume 1 da Coleção *Vozes do Holocausto*, com texto de autoria de Carol Colffield, e também disponível em: [https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/LIEBLICH\\_Karl.pdf](https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/LIEBLICH_Karl.pdf). Acesso em: 5 set. 2020.

## *Minhas raízes judaico-alemãs*

Meu nome é Eva Kordelia Lieblich Fernandes. Nasci em Stuttgart (Alemanha) no dia 6 de setembro de 1925. Sou filha de Karl Lieblich e Olga Lieblich, e irmã de Úrsula, Mirjam Susanne e Judith Anselma. Meu pai, Karl Lieblich, nasceu em Stuttgart (Alemanha) em 1º de agosto de 1895, de uma família judaica proveniente da Galícia, região localizada entre a Polônia e o Império Russo. Stuttgart é hoje a capital de Württemberg (desde 1952 Estado de Baden-Württemberg), localizado ao sudoeste da Alemanha. Ele faleceu em Stuttgart em 1º de março de 1984.

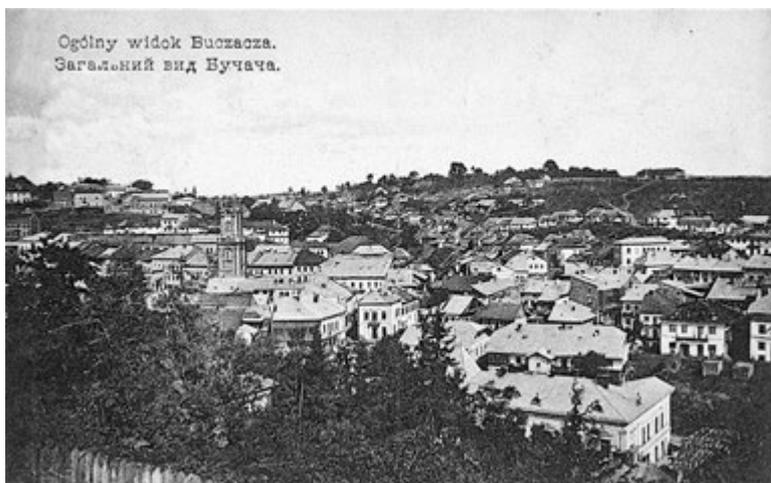
Minha mãe Olga nasceu em 31 de agosto de 1897, em Straßburg, Elsass (Alsácia), que até 1919 era território alemão e depois passou para a França na Alsácia. Olga era filha de Salomon (Ha Cohen) Lieblich e Anne Lieblich, portanto meus avós maternos.<sup>A</sup>



Stuttgart (Alemanha), cidade natal de Eva Lieblich.  
Google Maps.

A- Anne Lieblich nasceu em 1869, filha de Moshe Lieblich e Teme Lieblich. Era irmã de Leon Lieblich, Malie Lieblich, Klara (Chaja) Einstoss, Wolf Lieblich e um outro. Casou-se com Salomon (Ha Cohen) Lieblich, com quem teve cinco filhos: Olga Lieblich, Henri Lieblich, Else Goldstaub, Claire Lazard e Otto Lieblich. Anne faleceu em 1952 e está enterrada em Strasbourg, Bas-Rhin, na Alsácia (França).

Meus avós paternos, Moritz “Israel” Lieblich e Anna “Sara” Lieblich, constam entre os primeiros judeus da Europa Oriental a se estabelecerem em Stuttgart em 1891, embora a população judaica da cidade já fosse na época de aproximadamente 2.700 habitantes (1,7% da população total). Eles tiveram três filhos: Karl, Gizella e Dora, respectivamente quatorze e dezesseis anos mais velhas que Karl – na verdade, o único membro da família a ter nascido na Alemanha. Suas irmãs, assim como sua mãe Anna, nasceram na cidade de Buczacz, província de Tarnopol. Com as mudanças de fronteiras nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, hoje a cidade de Buczacz está localizada em território ucraniano.<sup>A</sup>



Buczacz, na Galícia, cidade natal de Anna Lieblich (avó paterna de Eva) e suas filhas Gizella e Dora, onde a família costumava passar as férias. Buczacz, 1910. Cartão postal. Disponível em: [https://kehilalinks.jewishgen.org/Suchostaw/sl\\_buczacz\\_postcard\\_photos.htm](https://kehilalinks.jewishgen.org/Suchostaw/sl_buczacz_postcard_photos.htm). Acesso em: 5 set. 2020.

Eles vieram da Galícia, província do antigo Império Austro-Húngaro, para a Alemanha, onde chegaram em 1891. Moritz, depois Maurício em português,<sup>B</sup> era um

**A-** Buczacz surgiu de um antigo assentamento eslavo existente desde 1260, como parte de Terebevlskogo, Principado de Galitzia-Volynia, cuja população contava com muitos judeus askenazitas e caraítas. A partir do século XIV, a Galícia teve várias ocupações: Reino da Polónia, ampliando a população com poloneses, judeus e colonos armênios; 1569: integrada na comunidade Polónia-Lituânia; 1672 e 1675: ocupada por turcos otomanos; 1772-1914: anexada à Áustria em 1772, como parte do Império Austro-Húngaro; 1914-1918: controlada pela República Popular da Ucrânia Ocidental; 1919: incorporada à Polónia, com uma população de judeus (60%), poloneses (25%) e ucranianos (17%); e depois ocupada pelo exército soviético; 1941: ocupada pelas tropas alemãs que assassinaram cerca de 7 mil residentes, na sua maioria judeus, sendo os jovens enviados para trabalhos forçados na Alemanha; julho de 1944: os soviéticos retomaram a cidade e, após a guerra, Buczacz passou a integrar a República Socialista Soviética Ucraniana; dezembro de 1991: tornou-se parte da Ucrânia independente.

**B-** Moritz “Israel” Lieblich nasceu em Kalusz em 5 de maio de 1862, filho de Juda e Chaja Lieblich. Faleceu em S. Paulo em 17 de março de 1941. Anna “Sara” Lieblich nasceu em Buczacz, em 12 de outubro de 1863, e faleceu em S. Paulo em 31 de janeiro de 1944. Ambos estão enterrados no cemitério da Vila Mariana, em S. Paulo (SP).

homem empreendedor e com muita visão econômica, sendo o fundador do “primeiro frigorífico e fábrica de gelo da região de Württemberg”, como gostava de divulgar. Isso foi em 1913, quando a Alemanha ainda não era unificada. Não era uma empresa direcionada para o comércio de carnes, mas sobretudo para ovos, laticínios e manteiga, além de fabricar gelo. Vovô viajava todo ano para os países do Leste: Polônia, Ucrânia, Tchecoslováquia e Hungria, onde comprava ovos. Lembrando que hoje, as galinhas botam ovos o ano inteiro, o que não acontecia naquela época durante o inverno; as galinhas não botavam ovos, coisas da natureza. Isso porque ao diminuir a luz no inverno, elas não põem ovos, somente na primavera. Intuitivo, ele começou a manter as galinhas em galinheiros com luz quentinha e resolveu o problema; assim, botavam ovos. Assim, os Lieblich estavam bem estabelecidos em Stuttgart.

Meu pai era o caçula da família. Suas duas irmãs, Dora e Gizella, eram mocinhas quando ele nasceu e logo se casaram. Ele cresceu como filho único, mimadíssimo e muito levado. Contava-se coisas horríveis que ele fazia, coisas de menino levado com 10 anos morando em apartamento. Uma vez ele pegou os livros clássicos dos meus avós – Goethe, Schiller etc. – volumes encadernados, e atirou pela janela. Eu não posso nem imaginar um filho meu fazendo uma coisa dessa.

Eles continuaram mantendo um estreito contato com sua comunidade de origem na Galícia, visitando-a periodicamente, mas o ambiente não era muito do agrado de Karl.<sup>A</sup> Quando Karl era ainda menino, suas irmãs casaram-se e deixaram Stuttgart. Dora foi para a cidade de Snyatin, próximo a Kalusz, onde nasceu seu pai, e Gizella mudou-se

A- Em 1927, segundo Eva, seu pai Karl escreveu ao filósofo-teólogo Martin Buber: “(...) a Galícia causou-me uma antipatia geral contra tudo o que fosse do Leste. Aconchegava-me em minha origem alemã, escondia a minha ascendência, meus sentimentos eram estritamente alemães – pelo menos acreditava fosse assim”. Como ele mesmo insinua, a assimilação alemã revelou-se traiçoeira; o judaísmo viria marcar fortemente sua vida. “Karl Lieblich”, artigo de Eva Lieblich Fernandes. *Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*, nov. 2009, n. 41, p. 18-19.

para Ödenburg, no Império Austro-Húngaro. Hoje a cidade Ödenburg se chama Sopron e está localizada na Hungria.

Após o casamento das irmãs Dora e Gizella, as férias passaram a ser alternadas em visitas as cidades de origem de ambas as famílias: Buczacz e Stuttgart. Tanto a convivência com a comunidade de origem de sua família quanto o impacto do primeiro episódio de antissemitismo vivenciado por Lieblich na adolescência teriam uma importância decisiva na forma como ele, nas décadas seguintes, pensaria o seu judaísmo em particular e o papel dos judeus na sociedade em geral. Naqueles primeiros anos, porém, segundo meu pai escreveu posteriormente, ele não considerava as férias no Leste Europeu aprazíveis, pois não se identificava com o modo de vida daquelas comunidades. Sentia que a sua identidade era inteiramente alemã.<sup>A</sup> Ele sempre teve inclinação para as letras, interessando-se por poesias, que, nos últimos anos do ensino secundário, havia começado a escrever. Ele concluiu seus estudos no Karls gymnasium de Stuttgart em 1913, matriculando-se em seguida na Universidade de Straßburg.

A irmã mais velha, Dora, com a qual dizem que eu sou parecida, teve cinco filhos, e o filho mais moço chamava-se Jus, que também se casou com uma prima da minha mãe e morou em Straßburg, no sul da França. É uma coisa louca, todo mundo na família casou-se com primos. Durante a guerra, todos os judeus da Alsácia-Lorena fugiram para o sul da França, depois os alemães invadiram essa região e ocuparam tudo. Dora e o marido foram para Sniatyn, na Polônia, onde tinham fábricas.

A outra irmã do meu pai, Gizella, casou-se com um dentista, fixando residência na Hungria. Tiveram duas filhas,

A- Karl Lieblich, pai de Eva, escreveu ao filósofo judeu Martin Buber em 24 de janeiro de 1927: “A Galícia me imbuiu com uma insuperável aversão a tudo o que era oriental. Agarrei-me firmemente ao meu seio materno alemão, ocultei minha origem, conseguia somente sentir-me e pensar como alemão; ao menos era isso que eu acreditava”. A vida escolar também não era algo que naquela época entusiasmasse particularmente Karl Lieblich, que em 25 de maio de 1917 escreveu a respeito de si mesmo no *Schwäbische Bilderblatt*: “Desde o início revelei um grande empenho em relação a tudo o que não tivesse a ver com o ginásio [escola]” (LIEBLICH apud ANDRESS, 2006, p. 199; Apud COLLFIELD, *Vozes do Holocausto 1*, 2017).

### *Vozes do Holocausto*

e sempre vinha para Stuttgart visitar os pais. Eu a conhecia. O esposo de Dora, Zygmunt Goldstaub, era dentista do Exército austro-húngaro do imperador Francisco Joseph. Lembro-me de uma fotografia no quarto dos meus avós em Stuttgart onde ele aparece usando o uniforme do exército do imperador, chiquérrimo, branco e cheio de coisas. Ao seu lado, sua filha Kate com um chapéu como se usava naquele tempo. Kate, nossa prima de quem gostávamos muito, costumava nos visitar na Alemanha, hospedando-se em nossa casa.

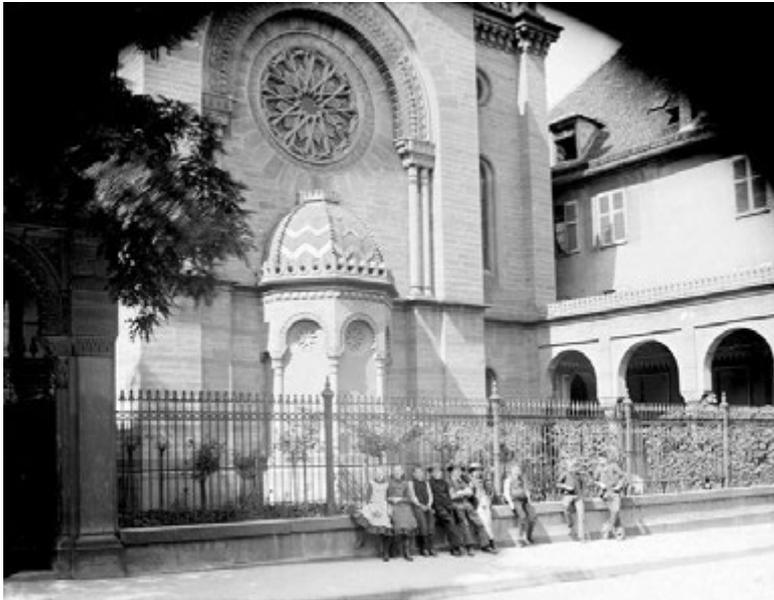
Adorávamos a prima Kate; a gente brincava muito, cantávamos com ela tocando violão. Ela casou-se e teve dois filhos, os bisnetos dos meus avós, que tinham um orgulho louco deles. Tínhamos uma fotografia deles, um menino e uma menina, ainda pequenininhos. Margit, a mais velha, quando vinha para Stuttgart nos visitar, era chamada de “a eterna estudante”. Ela também queria ser dentista, mas na Hungria tinha que fazer medicina e depois fazer especialização em odontologia. Margit sobreviveu ao Holocausto, casou-se com um *goi*\* e colocou a mãe em um hospital para protegê-la dos alemães quando invadiram a Hungria. Isso ela contou somente depois por que ela se salvou, pois os primeiros judeus que os alemães mataram foram aqueles que estavam nos hospitais. Assim, toda a família morreu na Shoah, exceto o marido da Gizella, que faleceu antes da ocupação nazista.

Tenho quatro irmãs: a mais velha se chama Úrsula, que foi estudar em um colégio interno na Suíça, onde se tornou atriz. Casou-se com um suíço e ficou por lá durante a guerra toda e depois veio para o Brasil, acho que em 1947. Eu sou a irmã do meio, e depois tem a Miriam, que era pequena quando veio para o Brasil, tinha oito anos. A mais nova de todas se chama Judith e foi correspondente da revista *Veja* nos Estados Unidos.

## *A vida dos judeus em Stuttgart*

Stuttgart é uma cidade que fica em uma bacia, com morros em volta, com residências grandes e jardins. A mamãe e várias famílias judias e não judias, quase metade da população da cidade, e principalmente aqueles que tinham profissões liberais<sup>A</sup> (médicos, advogados etc.) se juntaram para fundar uma associação e uma escola primária moderna para os seus filhos. Era uma escola particular mantida por essa associação de pais, como eu disse, judeus e não judeus. Em Stuttgart não havia muitos judeus, mas havia várias sinagogas que, na *Noite dos Cristais*, foram destruídas pelos nazistas.<sup>A</sup>

A sinagoga liberal era um templo grande no centro da



Sinagoga de Stuttgart, na Hospitalstrasse, s.d.  
Acervo: Landesdenkmalamt Baden-Württemberg.

cidade e tinha várias seitas, pois cada rabino sempre forma uma seita. A gente ia para sinagoga onde, nos fundos, havia um jardim onde as crianças ficavam brincando, pois para elas era difícil ficarem quietinhas dentro, então a gente brincava

**A-** Em Stuttgart havia 86 médicos judeus e mais de 50 advogados; a proporção de funcionários públicos, por outro lado, era extremamente pequena. A maioria dos judeus de Stuttgart foi amplamente integrada à sociedade urbana antes de 1933. Os “judeus orientais”, que vieram fugindo dos *pogroms*\* na Rússia e na Polônia oriental, pertenciam principalmente à classe social mais baixa.

**B-** A sinagoga em Stuttgart, na Alemanha, foi destruída durante a *Kristallnacht* em 1938. Ela foi incendiada e os rolos da Torá e objetos rituais foram destruídos, casas e empresas judaicas foram seriamente danificadas e 800 homens foram presos e maltratados antes serem enviados para os campos de Welzheim e Dachau. Os prisioneiros judeus foram forçados a limpar a sinagoga em ruínas.

e era um terreno grande. Parte do terreno foi ocupado, na época do nazismo, para abrigar uma sociedade e uma escola judia da qual minha mãe foi precursora, quer dizer uma escola que tinha o currículo obrigatório da escola alemã e ensinava, além do inglês, hebraico e história do povo judeu. Era uma escola primária para crianças e jovens até os catorze anos.

Havia também a *Schickhardtschule*, organizada por um grupo de intelectuais e que ficava fora da cidade. Eu estava nessa escola, que era moderna, com princípios Montessori. Lembro-me de que não tínhamos cadernos: trabalhávamos em folhas, desenhávamos e pintávamos tudo, escrevíamos tudo com lápis de cor, tudo supermoderno. Minha mãe fazia parte do grupo que fundou essa escola, onde ela ensinava francês. Pois bem, eu estive nessa escola nos primeiros dois anos.

No sul da Alemanha não sentíamos muito antissemitismo. Lembro-me de que na minha classe só havia eu e dois meninos que eram judeus. A gente sabia por que o ensino de religião era separado: tinha para católicos, para protestantes e para judeus. Uma vez um menino na sala fez uma observação qualquer antissemita e, não me lembro bem como foi, eu disse para minha mãe que não queria ir mais a essa escola. Disse também que eu queria ir para uma escola judia, sobretudo que eu não queria decorar os textos de Lutero. Nessa época, eu tinha doze anos e permaneci até a nossa saída da Alemanha para o Brasil. Era uma escola muito boa, assim como o ensino de inglês. Tanto é que, quando cheguei aqui em S. Paulo, eu já sabia falar inglês.

## ***O nosso mundo antes da guerra***

Posso dizer que meu pai Karl era o poeta da família Lieblich, e minha mãe a ativista social. Em 1913, ele formou-se no *Karls gymnasium* em Stuttgart, sem ser um aluno brilhante. Em uma autobiografia sucinta, escrita para o jornal *Schwaebische Bilderblatt* no ano de 1917, ele relata: “Cedo revelei grande empenho em assuntos que nada tinham a ver com o ginásio.” Em 1912, por exemplo, editou o *Schwäbischen Nachtwächter heraus, das Offizielle Organ des Schwabengaus der Germania, Abstinentenbund an deutschen Schulen* (*Vigilante Noturno da Suábia, órgão oficial da Schwabengau da Germânia, União de Abstinência nas Escolas Alemãs*), sendo ele editor, redator-chefe, compositor tipográfico, impressor e expedidor. Ainda

durante o seu tempo de ginásio, começou a escrever poemas, inspirado pela poética de Heinrich Heine, publicados em 1914 com o título *Trautelse* (editora Xenia, de Leipzig). Segundo meu pai, estes poemas foram escritos aos 16, 17 anos, debaixo da carteira na classe, sem se importar com o que acontecia ao redor. Em sua maioria, eram poemas de amor, publicados sob o pseudônimo Ark Schillbeil. Bertolt Brecht (ainda sob o pseudônimo de Bertolt Eugen) escreveu: “É de se prever que Lieblich um dia será famoso”.

Meu pai fez algumas incursões nos estudos de medicina e filosofia, e depois foi estudar jurisprudência, sendo logo interrompido pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Entre 1915 e 1917, lutou na Primeira Guerra, indo para a Rússia, França e Flandres. Como todos os jovens, estava empolgadíssimo, mesmo sabendo que o antissemitismo barrava a carreira dos judeus alemães nas Forças Armadas.<sup>A</sup> Em meio ao conflito, continuou escrevendo seus poemas, até ser dispensado do Exército em 24 de agosto de 1918 por motivos de saúde. Como testemunha ocular daquela guerra sangrenta, ele ficou alterado e quando voltou era outra pessoa. Via o mundo de uma maneira diferente, como podemos ler no seu poema *Das Würfelspiel* [O jogo de dados], escrito em 1916. Em 1918, depois da guerra, ele foi estudar direito na Universidade de Tübingen e, simultaneamente, começou a trabalhar como repórter de teatro, escrevendo para vários jornais na Alemanha, onde também publicava seus poemas. Em 1919, com o amigo e líder político Gustav Seeger, fundou o jornal *Die Tribüne*, do qual foi coeditor.<sup>B</sup> Em 1920, meu pai formou-se em direito pela Universidade de Tübingen, com doutoramento e, neste mesmo ano, casou-se

<sup>A</sup> “O entusiasmo entre os judeus era enorme. A própria *Centralverein Deutscher Staatsbürger Jüdischen Glaubens* (Associação Central dos Judeus Alemães de Fé Judaica), que desde 1893 representava a maioria dos judeus alemães liberais assimilados, apoiou o engajamento na guerra. Um aspecto interessante, no entanto, é que o antissemitismo ainda estava bem presente mesmo dentro das próprias Forças Armadas; como exemplo, o fato de que, no início da guerra, os judeus não podiam tornar-se oficiais. Com o desenrolar do conflito, devido às baixas entre aqueles que estavam no comando, alguns judeus foram promovidos ao cargo embora tivessem permanecido na reserva. No entanto, ao menos nos primórdios da guerra, o antissemitismo ficou encoberto. Com o recrudescimento do conflito, porém, esses sentimentos voltariam à tona e ficariam explícitos após a derrota da Alemanha, quando, na busca por culpados pelo fracasso – na verdade, a busca por bodes expiatórios –, os velhos ódios foram retomados e o antissemitismo voltou a ganhar impulso durante a nova República”. [COLFFIELD, Carol. *Vozes do Holocausto 1*, 2017, p. 64-65]

<sup>B</sup> “O jornal era voltado a questões sociais e, como o próprio nome indicava, promovia discussões que buscassem superar conflitos em um momento em que a derrota na guerra havia deixado profundas cicatrizes na Alemanha. O primeiro número foi dedicado às ideias do filósofo austríaco Rudolf Steiner”. [COLFFIELD, Carol. *Vozes do Holocausto 1*, 2017, p. 64-65]

com Olga Lieblich, sua prima de primeiro grau, uma alsaciana de origem judaica nascida em 31 de agosto de 1897, em Straßburg. Filha de Salomon e Anna Lieblich, Olga (que viria a ser minha mãe), assim como Karl, estudou na Universidade de Tübingen, onde se graduou professora. Neste mesmo ano, em 6 de dezembro, nasceu Úrsula, a primeira filha do casal e, cinco anos depois, em 6 de setembro de 1925, eu nasci. Tive ainda mais duas irmãs, depois de Úrsula: Mirjam Susanne, que nasceu em 13 de julho de 1929, e Judith Anselma, em 24 de agosto de 1935. Para acolher esta família, meu pai construiu uma bela casa num bairro residencial.

Depois da guerra, ao lado da vida familiar, ele mantinha seu escritório de advocacia, além de continuar a escrever e a publicar. Em 1918, a novela *Die Wiedervereinigung* (O reencontro) saiu como livrinho pela editora Reclam. Dava conferências, escrevia contos, poemas e ensaios para diversos jornais alemães importantes. O conto *Die Pest in Stuttgart* (A peste em Stuttgart) foi incluído no *Deutsches Knabenbuch* (O livro dos rapazes), de 1921. Suas obras foram apresentadas e lidas no rádio, por ele mesmo. Também escrevia sobre a vida cultural da capital de Württemberg para o *Münchener Neueste Nachrichten*, um jornal importante de Munique.<sup>A</sup>

Meu pai dizia que “não se ligava ao judaísmo”, enquanto minha mãe mostrava-se como uma judia consciente e ativa. Pertencera ao movimento juvenil sionista de sua cidade natal, Straßburg, e continuou a manter certas tradições religiosas no lar. A posição do meu pai com relação ao judaísmo começou a mudar após o assassinato do ministro de Relações Exteriores, Walter Rathenau, judeu acusado por dois jovens de ser um dos “Sábios de Sião”. Creio que a partir daí, ele

A- Em 1923, Lieblich publicou pela Editora Diederichs seu primeiro livro: *Die Traumfabrer. Zwei Erzählungen* [O condutor de sonhos. Duas histórias]; no ano seguinte saiu *Die Welterbraust. Sechs Schilderungen* [O mundo em erupção. Seis descrições]. Em 1926, publicou *Das proletarische Brautpaar. Ein Volkslied in Prosa* [Os noivos proletários. Uma canção popular em prosa], história social ambientada em meio aos conflitos da República de Weimar.

repensou o seu judaísmo, do qual estava afastado. Tudo isso interferiu na sua vida e na sua produção literária.<sup>A</sup>

Percebemos que os temas “judaísmo” e a “questão judaica” começaram a aparecer em vários dos seus artigos, dentre os quais lembro a novela *Rausch und Eclipse*, escrita em 1927-1928, mas que não teve editor naquela época. Somente foi publicada em 2005 pela editora Gardez. Este escrito foi inspirado pelo julgamento de Paris, no qual Scholem Schwartzbard (1886-1938) foi acusado de ter assassinado a tiros Symon Petliura por considerá-lo o principal responsável pelos *pogroms*\* contra os judeus na Ucrânia após a Primeira Guerra Mundial. Possivelmente foi influenciado por seu envolvimento com a defesa e o julgamento de Schwartzbard em Paris, pois sei que ele fez a tradução dos documentos para o comitê de defesa de Schwartzbard.<sup>B</sup> Esse tema voltou nos anos de 1928 a 1930 em suas conferências, reunidas em 1931 em um livrinho intitulado *Wir Junge Juden (Nós, jovens judeus)*.



Karl Lieblich (1895-1984).  
Stuttgart, 1920. Fotografia  
não identificado.  
Acervo: Landesarchiv Baden-  
Württemberg/Staatsarchiv  
Ludwigsburg.

Com correligionários, fundou a Bund für Neues Judentum (União para um Novo Judaísmo) e para propagar as ideias deste movimento deu conferências em várias cidades, que depois publicou em seu segundo livro sobre a questão judaica: *Was geschicht mit den Juden? Oeffentliche Frage an Adolf Hitler (O que sucederá com os judeus? Pergunta pública a Adolf Hitler)*.

A- Ver importante artigo de ReinhaLrd Andress “Karl Lieblich: ein deutsch-jüdisches und schriftstellerisches Emigrantenschicksal zwischen Deutschland und Brasilien”. In: *Pandaemium Germanicum*, (10), 2006, p. 197-226. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/74394>. Acesso em: 26 set. 2020.

B- O julgamento de Scholem Schwartzbard (1886-1938), judeu ucraniano que havia assassinado o comandante Symon Petliura (1879-1926), teve repercussão internacional e sensibilizou, de perto, Karl Lieblich. Petliura era considerado o responsável por uma série de *pogroms* ocorridos em 1919 na Ucrânia e que resultou na morte de dezenas de milhares de judeus em 1919, entre eles, toda a família de Schwartzbard. Esses *pogroms*\* foram perpetrados em meio à guerra civil vivenciada pelo país, sendo os mais de 1,5 milhão de judeus transformados em bode expiatório, com a complacência de Symon Petliura, jornalista e líder do governo provisório. Com a derrota do movimento, Semyon foi para a Polônia e depois se exilou em Paris. Ali foi abordado por Scholem Schwartzbard que o reconheceu como o mandante da morte da sua família e o matou a tiros”. [COLFFIELD, Carol. *Vozes do Holocausto* 1, 2017, p. 70-75]



Olga Lieblich (1897-1999). Stuttgart, 1924. Fotografia não identificado.

Acervo: Landesarchiv Baden-Württemberg/ Staatsarchiv Ludwigsburg.

Em 1932, meu pai passou a ser perseguido como todos os judeus intelectuais como ele e, no ano seguinte, foi proibido de escrever pela *Reichsschrifttumskammer* (Câmara de Cultura do Reich – RKK).<sup>A</sup> Em 1934, já não podia mais advogar, por imposição das leis nazistas, sendo também convocado a se apresentar para interrogatório no quartel general da Gestapo, em Stuttgart, cuja sede estava instalada no Hotel Silber.<sup>B</sup>

**A-** *Reichskulturkammer* (Câmara de Cultura do Reich – RKK) foi criada oficialmente em 22 de setembro de 1933 com o objetivo de estabelecer uma política cultural institucionalizada no espírito nacional-socialista. De acordo com a Seção 1 da Lei promulgada pelo Ministério da Propaganda do Reich, a RKK foi organizada em sete departamentos que tratavam de música, artes visuais, filmes, arquitetura e literatura. A Câmara de Literatura do Reich (*Reichsschrifttumskammer*) foi responsável pelo controle de todas as profissões culturais relacionadas aos livros: escritores, editores, livreiros e bibliotecários que, para trabalhar profissionalmente no campo da literatura, precisavam ser membros da RKK, desde que não fossem judeus.



Hotel Silber, sede da Gestapo em Stuttgart, onde Karl Lieblich foi interrogado. Stuttgart, 1933. Stadtarchiv Stuttgart.

Disponível em: <https://www.geschichtsort-hotel-silber.de/#>. Acesso em: 5 set. 2020.

**B-** “Sem suspeitar em absoluto quanto às razões da convocação, adentrei o espaçoso hall de entrada do antigo hotel do centro da cidade, o qual eu ainda veria muitas outras vezes. Dois jovens em uniformes pretos da SS verificaram calmamente o cartão de convocação e me conduziram através de um de seus colegas à frente da porta indicada. O antigo quarto que se abria diante de mim havia sido transformado em um escritório normal. Uma escrivaninha com prateleiras de frente para a janela, estantes nas paredes livres; em algum lugar a inevitável foto de Hitler.” Fragmento das memórias de Karl Lieblich extraídas de seu manuscrito “Meine Begegnungen mit der Gestapo”, publicado em *10ter-Mai. Erinnerung: Macht: Zukunft. Eine Aktion für alle, die wegen ihrer Meinung verfolgt werden. Eine andere Welt ist möglich*. Disponível em: <https://10ter-mai.die-anstifter.de/wp-content/uploads/2013/02/Zeitung10ter-Mai.pdf>, p. 10. (Trad. COLFFIELD, Carol. *Vozes do Holocausto 1*, 2017, p. 79)

## O Brasil como opção

Meu pai, logo no início da ascensão do nazismo, teve uma desavença por causa de um negócio de automóvel. Ele estava com o carro estacionado quando um outro carro raspou no seu, e aí ele ficou louco da vida, começou a brigar

com o tal do sujeito, que foi embora. Em seguida, veio um outro e disse: “O senhor não sabe quem o senhor afrontou; ele é o senhor fulano de tal, um alto funcionário do partido nazista”. Depois disso, meu pai percebeu que não era bom ele ficar em Stuttgart. Então, ele voltava para casa e ficava escondido. Em outubro de 1935, tentou ir para a Iugoslávia, onde o custo de vida era baixo, mas ao tentar passar a fronteira com sua família, teve os passaportes confiscados sob a alegação de que estavam irregulares. Tudo estava relacionado ao câmbio da moeda adquirida, justificada como sendo para “lazer” e não imigração. Continuou tentando. Assim, viajou o mundo para ver o melhor país para emigrarmos.

Pensou em ir para a Bélgica, Itália, Holanda, França e Estados Unidos, onde tínhamos parente, além da Colômbia, Equador e Brasil. Foi quando estive na Suíça, onde aprendeu o ofício de impressão em Basel, pensando em uma nova opção de trabalho. Voltou para a Alemanha e, no mesmo ano, veio para o Brasil com visto de turista. Em 15 de dezembro de 1936, ele partiu sozinho de Gênova no navio italiano Augustus, pensando em trazer em seguida minha mãe e nós, as filhas, além dos meus avós Moritz e Anna. Úrsula já havia emigrado para a Suíça, onde estava casada desde agosto de 1938, aos 17 anos, com Hans Schneeberger. A maioria dos judeus de Stuttgart já havia emigrado.<sup>A</sup>

Ele importou da Alemanha as máquinas que precisava para dirigir o negócio de impressão. Enquanto meu pai esteve fora, minha mãe conseguia alguma renda com os apartamentos que tínhamos fora da cidade. Ela acabou vendendo esses imóveis e mais alguns terrenos, ou seja, lutou muito para sair

A- Quando a guerra começou, cerca de 2.100 judeus de Stuttgart haviam emigrado, a maioria deles entre 1936 e 1939; quase o mesmo número permaneceu em Stuttgart; estes agora foram atribuídos às chamadas “casas judias”. Em dezembro de 1941, a administração da cidade forçou a comunidade judaica a desocupar suas casas de idosos na Heidehofstrasse e Wagenburgstrasse; os idosos foram levados para o Castelo de Eschenau ou para as chamadas acomodações na zona rural. Quando as deportações começaram, um pouco mais tarde, eles foram levados de volta para Stuttgart, onde foram “reassentados para o leste” daqui, por exemplo, para Riga, Theresienstadt, Izbica e Auschwitz. No outono de 1942, havia apenas cerca de 400 judeus morando em Stuttgart; a maioria deles era casada com cônjuges “arianos”.

## Vozes do Holocausto

de lá. Ela teve que ir a uma casa de câmbio (*Devisenstellen*)<sup>A</sup>, o que era uma coisa do outro mundo na Alemanha durante a época do nazismo. Ela conseguiu trocar o dinheiro da venda por moeda estrangeira, como combinado com meu pai, e comprar as máquinas em Leipzig e Stuttgart para instalar uma tipografia no Brasil. Sei que todo esse dinheiro foi usado para adquirirem essas máquinas porque meu pai já sabia que não poderia trabalhar como advogado no Brasil.

Minha mãe com as filhas Mirjam, Judith e eu (exceto Úrsula, que estava casada na Suíça), seguiram meu pai e vieram para o Brasil em 1938. O difícil era conseguir os documentos exigidos pelo governo brasileiro: uma “carta de chamada” e declaração juramentada garantindo o sustento financeiro da família. Minha mãe tentou obter os vistos pelo consulado de Hamburgo, mas foram negados. Em seguida, pediu ajuda ao cunhado Max Lazare, líder da comunidade judaica na Alsácia, que conseguiu o contato

A- *Devisenstellen*, durante o nazismo, eram casas de câmbio, também conhecidas como “agências de gestão de câmbio”, que desempenharam um papel fundamental na vigilância e pilhagem fiscal dos judeus alemães. Eram responsáveis pelos procedimentos de expatriação com subsequente colapso de ativos, podendo confiscar os passaportes, impor multas, limitar ou retirar a possibilidade de dispor de propriedades individuais, verificar os pertences de judeus dispostos a emigrar e impor altas taxas especiais sobre eles e restringir a transferência de fundos. Em 1933 havia 29 casas de câmbio, 23 das quais diretamente vinculadas às repartições de finanças estaduais. A supervisão oficial cabia ao Ministério das Finanças do *Reich*, e até 1938, o Escritório do *Reich* para Gerenciamento de Câmbio emitiu instruções técnicas para o Ministério da Economia do *Reich*. Durante a Segunda Guerra Mundial, os comandos de proteção cambial também atuaram nos territórios ocupados para confiscar ou comprar à força moeda estrangeira, ouro e diamantes de propriedade privada.

Nome <b>EVA CORDELIA FERNANDES</b>		SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO		
Pai <b>Karl Lieblich</b>		R. E. 242.114		
Mãe <b>Olga Lieblich</b>		R. G. 917.552		
Nacionalidade <b>Alemã</b>		Cidade <b>Stuttgart</b>		
Estado Civil <b>Casada</b>		Data de Registro <b>6/9/1950</b>		
Tipo de Registro <b>Secundária</b>		F. Domestica.		
Sexo <b>Fem</b>		Cor dos Olhos <b>Verdes</b>		
Altura <b>1.64</b>		Cabelos <b>Branca</b>		
Estado Particular <b>Não Tem.</b>		Residência <b>Al. Araes 1.296. Planalto Paulista</b>		
Assinatura do Identificado <i>Eva Cordelia Fernandes</i>		Local de Desembarque <b>Santos</b>		
Data por <i>6/9/50</i>		Data de Desembarque <b>12/17/1938</b>		
Carimbo por <i>6/9/50</i>		Carimbo de Desembarque <b>Permanente</b>		
Visto		Documento <b>Hexar Xerox da Modelo 19</b>		
Rubrica de Devolução <i>DEVOLVER</i>		Rubrica de Devolução <i>DEVOLVER</i>		

Ficha de registro de estrangeiros de Eva Lieblich, que passou a assinar Eva Cordelia Fernandes. Nacionalidade: Alemã. S. Paulo, 21 de novembro de 1950. Secretaria da Segurança Pública. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

com o embaixador do Brasil na França, Luiz Martins de Souza Dantas.<sup>A</sup> Assim, conseguiu liberar os vistos. Desembarcamos no porto de Santos em 12 de julho de 1938, viajando no vapor *Almanzora*.

As preocupações não acabaram por aqui. Uma parte da família Lieblich ainda corria perigo. Em outubro de 1938, os nazistas começaram a deportar para a Polônia os judeus de Stuttgart nascidos no Leste Europeu.<sup>B</sup> A situação piorou mais ainda após a *Noite dos Cristais* (*Kristallnacht*), na qual queimaram a sinagoga da cidade e fizeram muitas prisões. As irmãs do meu pai, minhas tias, estavam em outros países: Dora morava na Galícia, e Gizella na Hungria. Com o início da Segunda Guerra, em 1939, tudo ficou mais complicado.



Deportação de judeus de Stuttgart para Riga - Esperando no acampamento da Assembleia em Killesberg. Stuttgart, novembro de 1941. Disponível em: <https://www.stuttgarter-nachrichten.de/inhalt.ns-geschichte-auf-dem-killesberg-reise-in-den-tod-gedenken-an-judendeportation.fec1356a-a53e-4fe2-997e-0e180394b01e.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

A partir de 1939, a vida dos judeus em Stuttgart piorou ainda mais, dificultando a saída dos meus avós, Moritz e Anna. Com muita dificuldade, meu pai conseguiu obter

**A-** O embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas foi reconhecido pelo Yad Vashem por ter emitido os “vistos para vida”, contrariando as Circulares Secretas impostas pelo governo brasileiro. Sua história de vida encontra-se publicada no volume V da Coleção *Vozes do Holocausto*, de 2017 (Editora Maayanot). Disponível também em: <https://www.arqshoah.com/justos-e-salvadores/2519-jus-3-dantas-luiz-martins-de-souza>. Acesso em: 5 set. 2020.

**B-** No final de novembro de 1941, cerca de mil judeus de Württemberg foram levados para o terreno do *Reichsgartenschau*, em Killesberg, para serem deportados para o “Reichskommissariat Ostland”. O trem de deportação partiu da Estação Norte de Stuttgart em 1º de dezembro de 1941 em direção a Riga; de lá, os judeus de Württemberg foram levados para o campo de concentração de Riga-Jungfernhof. A maioria deles foi morto a tiros em um bosque em Bikernieki, perto de Riga. Apenas 28 entre os mil judeus deportados sobreviveram aos anos de guerra. A área do Killesberg também foi um ponto de coleta para novos transportes de deportação no período que se seguiu. O centro comunitário judaico também foi usado pela Gestapo como ponto de encontro em 1943-1944.



A nova sinagoga em Stuttgart, cuja construção original foi totalmente destruída na *Kristallnacht* (*Noite dos Cristais*) em 9-10 de novembro de 1938. Cerimônia em homenagem às famílias vítimas daquele *pogrom*. Stuttgart, 16 de novembro de 2016. Foto: Lichtgut / Max Kovalenko. Disponível em: <https://www.stuttgarterzeitung.de/inhalt.jahrestag-der-reichspogromnacht-gedenken-mehr-als-nur-ein-ritual.97fa2bef-03bf-4109-93d3-0813b6d2b843.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

o visto para eles entrarem no Brasil através do consulado do Brasil em Frankfurt. Em 24 de março de 1940, meus avós, com idade acima de 80 anos, viajaram no navio *Neptunia* rumo ao porto de Santos. Como ainda havia alguns navios de passageiros, eles foram de Stuttgart de trem até Gênova, e de lá embarcaram rumo ao porto de Santos. Eles faleceram pouco tempo depois: meu avô em 17 de março de 1941 e minha avó em 31 de janeiro de 1944, sendo enterrados no cemitério judaico de Vila Mariana.

Em S. Paulo, onde nossa família se estabeleceu, meu pai abriu uma gráfica, a AGRADA. Anos depois, ele vendeu as máquinas e com os lucros fundou uma empresa de importação e exportação. Mesmo assim, continuou a escrever poemas e contos, mesmo sem qualquer perspectiva de publicá-los. Creio que não chegou a publicar nenhum romance ou poema no Brasil. Seus textos eram sempre escritos na primeira pessoa, no estilo de crônicas inspiradas em experiências pessoais, como, por exemplo, *Eine Geschichte aus Brasilien* (*Uma história do Brasil*), *Mulattenhochzeit*. (*O casamento do mulato*).

Meu pai, que poderia ter tido sucesso moderado na Alemanha, sofreu no exílio, como todos os outros escritores, por estar distante do seu ambiente linguístico e cultural. Em S. Paulo não era reconhecido nem como advogado nem como escritor. O fato de ele não falar bem o português dificultou a sua integração. No fim, ele não se adaptou, pois a maneira de fazer negócio aqui com os empregados e tudo mais aqui no Brasil, eram diferentes da Alemanha. Ele acabou vendendo o maquinário e com o dinheiro financiou um negócio próprio ligado com importação, sobretudo para clicheria. A empresa chamava-se AGRADA LTDA. (Arte Gráfica Distribuidora), com sede na Rua Bela Cintra, 512. Conseguiu sucesso,

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Moritz Israel Lieblich**  
Admitido em território nacional em caráter **Permanente**  
Nos termos do art. 24 letra ----- do dec. n. 3.010 de 1938  
Lugar e data de nascimento **Kalusz, em 5 de Maio de 1862**  
Nacionalidade **alema** Estado civil **casado**  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Juda e Chaja Lieblich** Profissão **comercio**  
Residência no país de origem **Stuttgart**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **1350**, expedido pelas autoridades de **Stuttgart Alemanha**, ----- na data de **19/12/1939**, visado sob n. **24**.

ASSINATURA DO POSTADOR: *Moritz Israel Lieblich*

Consulado ----- do Brasil em **Frankfort/M.** 30 de Janeiro de 1940.  
O CONSUL: *Elleisen*

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à máquina para autenticação consular, sendo as duas vias em original.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Anna Sara Lieblich**  
Admitido em território nacional em caráter **Permanente**  
Nos termos do art. 24 letra ----- do dec. n. 3.010 de 1938  
Lugar e data de nascimento **Buczacz, em 12 de Outubro 1863**  
Nacionalidade **alema** Estado civil **casada**  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Joel e Jette Boral de Feller** Profissão **domestica**  
Residência no país de origem **Stuttgart**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **1351**, expedido pelas autoridades de **Stuttgart Alemanha**, ----- na data de **19/12/1939**, visado sob n. **25**.

ASSINATURA DO POSTADOR: *Anna Sara Lieblich*

Consulado ----- do Brasil em **Frankfort/M.** 30 de Janeiro de 1940.  
O CONSUL: *Elleisen*

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à máquina para autenticação consular, sendo as duas vias em original.



Propaganda da firma AGRADA LTDA. Arte Gráfica Distribuidora Dr. Carlos Lieblich & Cia. Boletim da Indústria Gráfica, n. 60. S. Paulo, dezembro de 1954. Disponível em: [https://issuu.com/abigraf/docs/ano5\\_n.60\\_dezembro.1954](https://issuu.com/abigraf/docs/ano5_n.60_dezembro.1954). Acesso em: 5 set. 2020.

Fichas consulares de qualificação de Moritz “Israel” Lieblich e de Anna “Sara” Lieblich, com vistos emitidos pelo consulado-geral do Brasil em Frankfurt, em 30 de janeiro de 1940. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

atraindo empresas dos Estados Unidos, França, Inglaterra e, depois da guerra, também da Alemanha. Tornou-se uma das maiores fornecedoras do mercado.

Ele estava sempre ansioso por Stuttgart, tanto que finalmente voltou para a sua antiga cidade natal em 1958 com Olga, sua esposa, após várias viagens entre 1948 e 1957. Ele nunca se habitou aqui com a maneira de viver dos brasileiros e o clima. Voltou sozinho, ficou doente e minha mãe foi lá e ficou. Ela vinha todo ano para S. Paulo, mas meu pai não. A casa deles era no bairro Perdizes, onde minha irmã Úrsula, a mais nova, ficou morando. Divorciada desde 1940, Úrsula veio para o Brasil e, quando nosso pai faleceu, ela continuou com a firma.



Úrsula Lieblich, irmã de Eva, em 1945.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Após 11 anos e 8 meses de residência no Brasil, ou seja em 3 de novembro de 1944, meus pais resolveram pedir naturalização através da Delegacia Especializada de Estrangeiros. Nessa época, morávamos na Rua Francisco Dias Velho, 104. Meus pais estavam envolvidos diretamente com as instituições judaicas e, mais especialmente, com a Congregação Israelita Paulista – CIP. Olga fez parte do corpo de voluntários pelo

movimento pela *França Livre*<sup>A</sup> e, mais tarde, ingressou na seção brasileira da Organização Sionista Internacional das Mulheres (Women's International Zionist Organization – Wizo) onde chegou a vice-presidente.

## ***Minha vida como artista no Brasil***

Eu estudei no Mackenzie e depois resolvi que queira ser pintora. Passei a ter aulas com Antônio Gomide, pintura de maneira clássica, com modelo vivo, gesso. Depois estudei escultura com Locoselli, escultor italiano, e depois com Bruno Giorgi, autor do monumento à juventude no Rio de Janeiro, onde ele tinha ateliê na Praça Marechal Teodoro. Frequentei o ateliê do grupo Sta. Helena, nome atribuído por Sérgio Milliet ao grupo de pintores que mantinha um ateliê no edifício Sta. Helena na Praça da Sé, que infelizmente não existe mais. Quando fizeram o

A- França Livre: movimento de resistência francesa, chamado na França de *La Résistance*, expressão usada para um conjunto de redes que durante a Segunda Guerra Mundial investiu contra o Eixo, estendendo suas propostas e ações por vários outros países da Europa e América do Sul. Os colaboracionistas atuaram desde o armistício de 22 de junho de 1940 até a liberação da França em 1944.

metrô naquela região, derrubaram, fato que foi lamentado, lastimado por muita gente porque era um prédio de grande tradição. No grupo Sta. Helena estavam Volpi, Zanini, Rebolo, Manuel Martins e Hilde Weber, que me convidou para participar.

Hilde era desenhista e fazia caricaturas políticas para o jornal *O Estado de S. Paulo*, como do Ademar de Barros e Juscelino Kubitschek. Hilde Weber era amiga desde a Alemanha da Dra. Marthe Brill, mãe da Alice Brill. A Hilde casou-se com Claudio Abramo, com quem teve dois filhos: Claudio Weber Abramo e Lívio Abramo. Quando nasceu o Claudio, Hilde morava em um apartamento na Avenida São João, onde Alice e eu íamos ajudá-la com a limpeza. Eu me lembro de lavar pilhas de louças que ela deixava acumular, naquele apartamento pequeno, uma *kitchenette*. A gente ajudava-a com o nenê recém-nascido, lavávamos a louça.<sup>A</sup>

Alice e eu – que agora está muito doente, e nem me conhece mais – vivíamos grudadas sempre, fazíamos tudo juntas.<sup>B</sup> Escrevi um depoimento sobre a nossa amizade, cuja cópia tenho aqui, editada pela sua filha Silvia Czapski:

“Alice e eu frequentávamos a Casa da Juventude da Congregação Israelita, assistíamos a cursos de humanidade e ocasionalmente íamos a eventos sociais. Juljan não participava. Outras atividades, porém, empreendíamos juntos: os concertos no Teatro Municipal, conferências, inaugurações de exposições de arte, enfim, tudo o que São Paulo oferecia de cultural naquele tempo a jovens interessados. Àquela época, no sábado, ao meio-dia, encontrávamos a turma na fila do ponto final do ônibus, no Jabaquara, e partíamos juntos para a pequena

A- “Hilde Weber nasceu em 1913 na cidade de Waldau, na Alemanha. Frequentou escolas de artes gráficas em Hamburgo e Altona. Com 17 anos, começou a desenhar para os jornais *Hamburger Anzeiger* e *Hamburger Fremdenblatt*. Em 1933, veio para o Brasil com o objetivo de reencontrar o pai, que se mudou para o país após o fim da Primeira Guerra Mundial. Na década de 1940, Hilde participou de grupos de artistas e intelectuais com Mário Pedrosa, Sérgio Milliet, Alfredo Volpi, Livio Abramo, Zanini, Rebolo e Lasar Segall. No Palacete Sta. Helena produziu parte de suas pinturas, enquanto na Osirarte – ateliê de pintura sobre azulejos de Paulo Rossi Osir –, realizou trabalhos para os painéis de Portinari, bem como azulejos individuais, com temas extraídos do folclore brasileiro. Na década de 1950, trabalhou como chargista na *Tribuna da Imprensa*, no Rio e, entre 1962 e 1992, no *O Estado de S. Paulo*. Hilde Weber faleceu em dezembro de 1994, na cidade de São Paulo”. Museu Lasar Segall/SP.

B- Alice Brill nasceu em Colônia, Alemanha, em 13 de dezembro de 1920. Tinha 14 anos quando veio da Alemanha com seu pai, Erich Brill, para encontrar a mãe que já estava no Brasil. Desembarcaram em 1934 e trazia na bagagem uma minicâmera Agfa, presente do pai. Erich Brill era um pintor viajante e artista plástico que, dois anos depois, não tendo se firmado em S. Paulo, voltou à Alemanha e morreu em 1942, num campo de concentração. Alice seguiu seus passos profissionais com firmeza, fazendo-se artista plástica, gravadora e ensaísta, além de fotógrafa. Faleceu em Itu (SP) em 29 de junho de 2013. Leia a história da família Brill no volume I da Coleção *Vozes do Holocausto*, p. 29-43. Disponível também em: [https://www.arqshoah.com/imagens/imagens/personalidades/artistas/BRILL\\_Erich.pdf](https://www.arqshoah.com/imagens/imagens/personalidades/artistas/BRILL_Erich.pdf). Acesso em: 5 set. 2020.

## *Vozes do Holocausto*

viagem no velho veículo apinhado de gente [para Eldorado, região da represa do Guarapiranga]. [...], mas pintar era ponto essencial do programa”. [Eva Lieblich, 27.2.2010]

A primeira vez que expusemos nossas obras foi no salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, na Galeria Prestes Maia, não me lembro do ano. Sobre minha amizade com Alice Brill, escrevi também no catálogo da exposição organizada pelo Instituto Moreira Salles intitulada *Alice Brill – Alicerces da forma – retrospectiva*. Meu texto introdutório “Recordações de uma convivência” não fala sobre arte, fala sobre o nosso relacionamento, fala de S. Paulo do nosso tempo, quando encontrávamos nossos amigos na Rua Marconi. Um prédio de um único andar com uma livraria à outra.



Alice Brill (1920-2013), grande amiga de Eva Lieblich. S. Paulo, 1965. Fotografia não identificado. Fundo *Correio da Manhã*. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alice\\_Brill\\_\(1965\).tiff](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alice_Brill_(1965).tiff). Acesso em: 5 set. 2020.

Mais uma vez lembro aqui a Alice Brill: Quando Andres Reinhard – que é de origem alemã e professor de língua e literatura alemã nos Estados Unidos – esteve em Frankfurt pesquisando em uma instituição que se dedicava ao estudo dos escritores perseguidos pelo nazismo, sobretudo aqueles que depois não puderam editar suas obras, em sua busca por novos documentos, ele descobriu um livro não publicado sobre a emigração da Marthe



Catálogo da exposição *19 Pintores*, da qual participou Eva Lieblich em 1947, organizada na Galeria Prestes Maia pela União Cultural Brasil-Estados Unidos. Acervo: Tucci/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Brill (mãe da Alice Brill), que saiu de Hamburgo fugindo do nazismo. Ele editou esse livro e a Alice Brill, que é minha amiga, o deu de presente para mim. Escrevi para o professor Andres Reinhard, que também publicou neste mesmo livro um texto inédito do meu pai. Este texto é uma novela, uma ficção escrita pelo meu pai em 1928-1929, onde ele trata dos *pogroms* na Ucrânia em 1919, logo depois da Primeira Guerra. Até então, esse livro, que saiu em 2006, não podia ser publicado na Alemanha. Saiu como um texto póstumo, para o qual eu trabalhei muito para conseguir patrocínio. Desenhei a capa do livro, que no final traz a biografia do meu pai, escrita por Andres Reinhard.

Eu fiz parte da exposição *19 Pintores* (por isso sou conhecida), organizada pela Rosa Rosenthal, que não vive mais, mas vale a pena lembrar o nome dela. Rosa foi secretária da União Cultural Brasil-Estados

Unidos e esteve sempre interessada em artes. A exposição aconteceu na Galeria Prestes Maia e envolveu dezenove artistas jovens que, por assim dizer, eram “uma geração de artistas”. Lá estavam: Oscar Charu, Maria Leontina Franco, os japoneses Jorge Mori e o Flávio Shiró, Marcelo Grassmann, Luiz Sacilotto e eu, além de outros que agora não me recordo.

## ***Nosso retorno à Alemanha***

Quando meu pai retornou à Alemanha por ocasião de uma das suas viagens em 1948, constatou que a comunidade judaica havia sido praticamente dizimada. Em Stuttgart, dos aproximadamente 4.500 judeus que habitavam a cidade antes da chegada ao poder do nacional-socialismo, restavam apenas 24, os quais haviam conseguido sobreviver por terem cônjuges “arianos”. As notícias sobre os seus familiares eram trágicas: as irmãs Dora e

Gizella haviam sido assassinadas no Holocausto. Lembro-me de ouvir minha mãe Olga contar que cerca de 40 pessoas da sua família morreram na Shoah. A partir de 1948, meu pai tentou reaver o patrimônio familiar que havia sido confiscado pelos nazistas, parte do qual conseguiu recuperar após um longo e burocrático processo que se estendeu até meados da década de 1950.<sup>A</sup>

Por que voltamos? Aqui no Brasil vocês tiveram a ditadura militar, agora não tem mais, na Alemanha tivemos o nazismo, que já não existe mais. Pronto, é igual? Na realidade eu fui embora daqui para a Alemanha por causa do regime militar, pois já havia saído da Alemanha por causa dos nazistas. Meu marido José Eduardo Fernandes – médico formado pela USP, e que trabalhava em uma indústria farmacêutica – perguntou-me: “Como é, você volta para a Alemanha?” Assim, fomos embora. Pensamos em ir para a França, Itália ou Alemanha. Optamos pela Alemanha por ser mais fácil, pois meus pais estavam lá, e também por causa do trabalho do José Eduardo.

Eu trabalhava como secretária no Instituto de Letras Inglesas, que ficava na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Foi lá que eu conheci o José Eduardo, que era da associação de ex-alunos, muito conhecido de um amigo nosso, que nos apresentou num coquetel na casa dele. Isso foi em 1946-1947 e, em 1948, nos casamos. Tivemos dois filhos: Beatriz Lieblich Fernandes, doutora na USP, casada e não tem filhos; e João Gabriel, que todo mundo conhece como “Gabo”, representante de uma empresa alemã de indústria de automóveis. Casado, ele tem dois filhos, ambos formados na Alemanha.

A- Os documentos relativos a esse processo de reparação patrimonial encontram-se no *Landesarchiv Baden-Württemberg/ Staatsarchiv Ludwigsburg*, na Alemanha. Segundo os registros sobre a *Kühlhallen und Eisfabrik Dr. Karl Lieblich & Co KG* existentes no *Landesarchiv Baden-Württemberg/Amtsgericht Stuttgart: Handelsregister*, onde são mantidas informações sobre atividades empresariais, a empresa esteve em funcionamento entre 1950 e 1972.

## A família Lieblich na Shoah

A história de vida da família Lieblich serve como exemplo para avaliarmos como os milhões de judeus assassinados pelo regime nazista alemão durante a Shoah começaram a “morrer” antes mesmo de irem para um gueto ou campo de extermínio. Entendo o Holocausto como um longo processo de destruição da comunidade judaica na Alemanha e nos países ocupados na Europa, implementado a partir de 1933 com a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Um conjunto de leis e atos de violência culminaram na maior catástrofe do século XX. Ao assumir o poder como chanceler da Alemanha, em 30 de janeiro de 1933, Hitler nada mais fez do que reforçar o arsenal antissemita já existente na mentalidade coletiva do povo alemão. Valendo-se de modernos meios de comunicação, da aparelhagem burocrática disponibilizada pelo Estado e de seu carisma pessoal, Hitler reafirmou a ideia de que os judeus representavam uma verdadeira ameaça para os alemães.

Lendo o testemunho dado por Eva Lieblich ao Arqshoah, temos uma visão completa da destruição de uma família judia em todos os aspectos: desde a perda dos seus direitos como cidadãos até a morte, sem escolhas. Sem condições de sobreviver, a família de Karl Lieblich conseguiu, felizmente, refugiar-se no Brasil. Aqueles que ficaram, foram cruelmente assassinados em nome do Estado alemão e das demais nações coniventes com as propostas de extermínio do povo judeu. As histórias aqui narradas comprovam que as perdas aconteceram de forma sistemática, autorizadas por leis e decretos, podendo assim ser definida em etapas:

**1ª etapa – 1933-1938:** Banimento dos judeus alemães de todos os campos da vida econômica, social e política por meio da aplicação de uma legislação antissemita, de *pogroms*, boicotes comerciais, prisões, espancamentos públicos etc. Objetivo: reduzir os judeus alemães a uma minoria não reconhecida na Alemanha, retirando-lhes todas as condições econômicas, culturais e psicológicas de sobrevivência e expulsando-os do país como apátridas. A partir de 1933, várias pessoas da família Lieblich tiveram a cidadania alemã cancelada pelo regime nazista, sendo assim tornadas apátridas. Em 7 de abril de 1933 foi publicada a lei que proibia o ingresso de judeus na Ordem dos Advogados,

época em que Karl Lieblich foi obrigado a encerrar suas atividades como advogado. Em 14 de julho de 1933, o governo alemão promulgou a Lei de Desnaturalização, revogando a cidadania dos judeus naturalizados e considerados indesejáveis. Vários membros da família Lieblich tiveram seus nomes no *Index of Jews Whose German Nationality Was Annulled by the Nazi Regime, 1935-1945*, a saber: Karl Lieblich (Stuttgart, 1 Aug 1895); Olga Lieblich (Straßburg, 31 Aug 1897); Ursula Lieblich (Stuttgart, 6 Dec 1920); Eva Kordelia Lieblich (Stuttgart, 6 Sep 1925); Mirjam Susanne Lieblich (Stuttgart, 13 Jul 1929); e Judith Anselma Lieblich (Stuttgart, 24 Aug 1935).

**2ª etapa – 1938-1941:** Recrudescimento do antissemitismo a partir da *Noite dos Cristais (Kristallnacht)*, extermínio de homens e mulheres pelo trabalho forçado e prática de um programa de eutanásia, massacres sistemáticos, proliferação de guetos e de campos de concentração. Objetivo: num primeiro momento, impedi-los de deixar a Alemanha para, em seguida, colocar em prática a ideologia eliminacionista.

Em 17 de agosto de 1938 foi promulgada a medida executiva referente à mudança de nomes e sobrenomes (de família), obrigando os judeus a adotarem um nome adicional: “Sara” para as mulheres e “Israel” para os homens. Essa alteração foi acrescentada a todas as certidões de nascimento de judeus do *Reich* e revogada somente após o fim da guerra. Os avós paternos de Eva foram obrigados a assinar Moritz “Israel” Lieblich e Anna “Sara” Lieblich, conforme consta nas suas fichas consulares de qualificação emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Frankfurt.

**3ª etapa – 1941-1945:** Instalação dos campos de extermínio, inaugurando uma nova fase da metódica eliminação dos judeus na Europa, acompanhada pelo avanço das tropas alemãs em direção ao Leste Europeu. Objetivo: reagrupar os judeus em todos os lugares onde passassem a residir e, com a colaboração dos governos locais, enviá-los aos campos de extermínio.

Segundo a *Central Database of Shoah Victims' Names* – Yad Vashem, cujos formulários de testemunho foram preenchidos de próprio punho por Karl Lieblich em 21 de setembro de 1962, temos registrados os seguintes nomes:

1. **Dora Lieblich**, irmã de Karl, foi provavelmente morta em 1942, na própria cidade em que vivia, Kalusz, na Galícia;
2. **Gizella [Lieblich] Rares**, casada com o Dr. Samuel Rares, provavelmente foi assassinada em 1944 no hospital de Sopron, na Hungria, onde estava escondida. Não conseguimos identificar o destino dos quatro filhos de Dora, dos dois filhos de Gizella e de seus respectivos esposos.
3. **Anne Lieblich**, nasceu em 28 de setembro de 1884, em Neustadt an der Saale, Neustadt a. d. Saale (Mainfranken), Bavária, Alemanha. Estava em Stuttgart, Württemberg, Alemanha, quando foi deportada em 26 de abril de 1942 para o gueto de Izbica (Polônia), onde foi declarada morta, conforme List of Jewish victims from the Memorial book “Victims of the Persecution of Jews under the National Socialist Tyranny in Germany, 1933-1945”, pelo German Federal Archives.
4. **Leon Lieblich**: nasceu em 26 de novembro de 1860, sendo deportado de Stuttgart, como prisioneiro n. 177, no Transport XIII/1, Train Da 505, para o gueto de Theresienstadt, Tchecoslováquia, em 22 de agosto de 1942. De Theresienstadt foi deportado, como prisioneiro n. 1067, para o campo de extermínio de Treblinka (Polônia), onde morreu. Fonte: Terezinska Pametni Kniha [Theresienstädter Gedenkbuch], Terezinska Iniciativa, vol. I-II Melantrich, Praha 1995, vol. III. Academia Verlag, Prag 2000 (Memorial Book Theresienstadt, Terezin Initiative).

Karl Lieblich continuou ativo até o final de sua vida proferindo palestras, escrevendo ou até mesmo atuando em pequenos papéis no teatro em Stuttgart. Em 1º de março de 1984, Lieblich faleceu aos 88 anos de idade de embolia pulmonar em sua cidade natal. Olga viveu até os 102 anos de idade, vindo a falecer em 1999.

Texto de Maria Luiza Tucci Carneiro



Stolpersteine para Leon e Anne Lieblich. “Aqui viveu / Leon Lieblich / JG. 1860 / Deportado em 22 de agosto de 1942 / Theresienstadt / Assassinado em / Treblinka”, “Aqui viveu / Anne Lieblich / JG. 1884 / Deportada em 26 de abril de 1942 / Izbica / Assassinada. Disponível em: [https://de.m.wikipedia.org/wiki/Datei:Stolpersteine\\_-\\_Stuttgart\\_-\\_Schickstra%C3%9Fe\\_8\\_-\\_Leon,\\_Anne\\_Lieblich.JPG](https://de.m.wikipedia.org/wiki/Datei:Stolpersteine_-_Stuttgart_-_Schickstra%C3%9Fe_8_-_Leon,_Anne_Lieblich.JPG). Acesso em: 5 set. 2020.

